



O “Programa Morar Feliz” de Ururá e os usos sociais do espaço pelos seus moradores, Campos dos Goytacazes.

Maurício Pessanha Rangel, Juliana Blasi Cunha.

Historicamente, políticas habitacionais foram concebidas e implementadas no país de forma centralizada pelo Estado. Elaboradas de “cima para baixo”, de forma recorrente, tais políticas desconsideram demandas locais, saberes e práticas espaciais de seus futuros moradores. Mais especificamente, a presente pesquisa tem como objetivo descrever e analisar a forma como os moradores se apropriam dos novos espaços construídos pelo programa municipal de habitação “Morar Feliz” de Ururá, em Campos dos Goytacazes. Do ponto de vista da metodologia, o projeto inicial da pesquisa inclui a realização de trabalho de campo com a observação participante e a realização de entrevistas semi-diretivas com alguns moradores do conjunto habitacional, buscando perceber os usos sociais e os sentidos atribuídos aos novos espaços de moradia. Devido à pandemia do Covid-19 e a impossibilidade de realização do trabalho de campo no conjunto habitacional, o cronograma de pesquisa foi alterado e, através da plataforma Google Hangout, uma série de atividades relacionadas à metodologia qualitativa foi proposta no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa Urbanas e Regionais – GEPUR. Além da revisão bibliográfica e discussão de textos sobre metodologia qualitativa, foi proposta a realização da observação do nosso cotidiano doméstico e da vida do nosso bairro. A partir da realização de um diário de campo, escrevemos um relato etnográfico sobre os impactos e alterações observadas nos meses iniciais da pandemia. A partir disso, elaboramos conjuntamente um roteiro para a realização de entrevistas semi-diretivas com nossos familiares, buscando abordar as diferentes formas como percebiam e praticavam o isolamento social. Dentre todas essas técnicas de pesquisa qualitativa que tivemos a oportunidade de conhecer nesse período, destaco a importância dos aprendizados da experiência de praticar a observação participante em contexto familiar. A partir das leituras de Velho (1978) e Miller (1998), estabeleci como local de observação a casa da minha sogra, onde iniciei a quarentena e pude observar 6 pessoas diferentes convivendo com ideologias e posicionamentos políticos distintos. Acompanhando a rotina dessa família, observei e descrevi atos homofóbicos pautados pela religião, questionamentos sobre a autenticidade do número de óbitos fornecidos pela mídia e aversão a canais de TV como a Rede Globo como fonte de informação sobre a pandemia.